

Corpo, alma e mente: uma análise da perspectiva tomista frente a neurobiologia contemporânea

Body, soul and mind: an analysis of the Thomistic perspective in the face of contemporary neurobiology

Wellington Caetano de Oliveira

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

oliveirawc@yahoo.com

<https://lattes.cnpq.br/5368173885302845>

Resumo

O presente artigo empreende uma análise sobre uma possível relação entre a filosofia de Tomás de Aquino e a neurobiologia contemporânea. Com o objetivo de perscrutar a demanda exposta, em primeiro lugar, buscaremos investigar o processo científico na Idade Média e elencaremos alguns dos principais nomes e suas hipóteses/descobertas através da experimentação. Posteriormente, analisaremos a Teoria do Conhecimento em Tomás de Aquino e sua relação com o conhecimento científico hodierno. Por fim, buscaremos encontrar uma possível ligação entre o conceito de “alma”, defendido pelo Aquinate, e o entendimento contemporâneo de “mente”.

Palavras-chave: Alma. Neurobiologia. Tomás de Aquino.

Abstract

The present article undertakes an analysis of a possible relationship between the philosophy of Thomas Aquinas and contemporary neurobiology. With the aim of scrutinizing the posed inquiry, we will first investigate the scientific process in the Middle Ages and highlight some of the key figures and their hypotheses/discoveries through experimentation. Subsequently, we will analyze the Theory of Knowledge in Thomas Aquinas and its relationship with modern scientific knowledge. Finally, we will seek to find a possible connection between the concept of the “soul”, as defended by Aquinas, and the contemporary understanding of the “mind”.



Keywords: Soul. Neurobiology. Thomas Aquinas.

1 A ciência na Idade Medieval

Tradicionalmente, estabelece-se o período compreendido entre os séculos XVI e XVII como o grande marco da Revolução científica, época essa que teve cientistas brilhantes, tais como Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton, os quais, através das suas ideias, promoveram uma profunda mudança na compreensão holística do mundo, a qual teve sua gênese a partir das transformações fundamentais na abordagem científica. Sob essa nova forma de se fazer ciência, atinou-se a primazia da adoção de práticas a partir da observação e experimentação empírica, o emprego de um método científico, a ruptura com dogmas estabelecidos e o progresso de disciplinas específicas, como a astronomia, a física, a química e a biologia, tendo então, por desiderato, uma nova forma de pensar sobre o mundo sensível.

Tal espírito conduziu diversos historiadores iluministas a caracterizarem a era medieval como um período "obscuro" com aparência lúgubre no que concerne à ciência. No entanto, podemos questionar se tal percepção é verdadeiramente coerente. Isso por que, em primeiro lugar, deve-se salientar que na Idade Média não existia o que hoje denominamos "ciência". Isso não se deve à ausência de atividade científica, mas sim ao fato de que ela era considerada parte de um campo epistêmico mais amplo, denominado simplesmente "filosofia" ou "filosofia natural" (BÉLTRAN, 2009). Dessa forma, o conhecimento medieval que poderíamos comparar à ciência contemporânea era escasso e pouco sistemático, carente de poder suficiente para se desvincular do núcleo central da filosofia, entendida como investigação dos princípios últimos da realidade. Em segundo lugar, é importante reconhecer que a falta de técnicas, ferramentas e de um método dificultava o progresso das ciências. Assim, mesmo com a redescoberta do corpus aristotélico e as contribuições das escolas árabes, as concepções científicas do século XIII ainda se encontravam em um estágio de imaturidade, o que levou os pensadores da época a fazerem afirmações "forçadas" que são consideradas errôneas nos dias de hoje (BÉLTRAN, 2009).

No século XIII, uma série de cientistas defendeu enfaticamente a necessidade da investigação "experimental" para a realização de estudos científicos. Alberto Magno (1206-1280) empreendeu descrições minuciosas de plantas e árvores, conduziu estudos sobre os hábitos das aves migratórias e explorou a possibilidade de habitação nas regiões polares do hemisfério sul devido às condições extremamente frias (COPLESTON, 2021). Peter de Maricourt, que despertou o interesse



de Roger Bacon pelas questões científicas, tornou-se conhecido por suas explicações sobre a identificação dos polos de uma bússola, bem como por descrever as leis da atração e repulsão magnética. Roberto Grosseteste (1175-1253) desenvolveu um "método" que baseava-se na experiência dos fenômenos para alcançar possíveis causas dos mesmos, sendo considerado o precursor do método científico moderno. Além disso, também escreveu sobre ótica e dedicou-se a aprimorar a teoria da refração. Teodorico de Freiburg elaborou uma explicação experimental sobre o arco-íris, posteriormente adotada por Descartes. Além disso, Jordanus Nemorarius realizou descobertas significativas no campo da mecânica (COPLESTON, 2021).

No século XIV, também emergiram físicos¹ que, embora não aderissem à via moderna, demonstravam interesse pelos fatos e dados empíricos como fonte de conhecimento. Jean Buridan fez contribuições significativas ao desenvolver e popularizar a teoria do ímpeto. Alberto da Saxônia, como primeiro reitor da Universidade de Viena e reitor da Universidade de Paris, sustentou a hipótese da rotação da Terra, conduziu observações e cálculos astronômicos, e discutiu a estrutura do cosmos e dos movimentos celestes. Marsílio de Inghen, enquanto Reitor da Universidade de Paris e primeiro reitor da Universidade de Heidelberg, explorou questões como a natureza do movimento e a relação causal. Por fim, Nicole d'Oresme promoveu avanços significativos no estudo do movimento e da física, introduziu a notação decimal para frações e desenvolveu a teoria das proporções. Além disso, utilizou métodos matemáticos para investigar o movimento e o comportamento dos objetos (COPLESTON, 2021).

Esses exemplos demonstram a crescente ênfase dada à experimentação e à observação direta dos fenômenos naturais nos séculos XIII e XIV. Esses cientistas medievalistas reconheceram a importância da coleta de dados a partir da observação e análise empírica como base para o avanço do conhecimento científico e, por isso, suas contribuições no campo da botânica, zoologia, magnetismo, ótica e mecânica representaram um progresso significativo para a ciência da época e lançaram bases para o desenvolvimento posterior do método científico.

Pode-se argumentar que a ciência medieval era primitiva e rudimentar em comparação com a ciência moderna, porém não se pode afirmar que, fora dos domínios teológicos e filosóficos, a Idade Média tenha sido desprovida de estudos científicos relevantes. A era medieval não apenas abarcava certo conhecimento científico, mas também apresentava, em certa medida, uma continuidade entre a ciência medieval tardia e a ciência que emergiu durante o Renascimento.

¹ O conceito de "físico" aqui é referido não a físicos na acepção moderna, visto que estes precedem do nascimento da física newtoniana, mas a filósofos investigadores das ciências naturais, semelhantes aos naturalistas dos períodos posteriores.



Assim sendo, as raízes do que atualmente é denominado "método científico" podem ser rastreadas até a Idade Média.

Sob essa perspectiva, Newman (2016) indica que a própria alquimia, que posteriormente se tornou conhecida e difundida no século XVII, contava com praticantes na Baixa Idade Média. Portanto, não é suficiente afirmar que as universidades medievais eram meros bastiões do aristotelismo. Isso se torna evidente ao observarmos a vida de pensadores escolásticos como Alberto Magno e Roger Bacon, os quais, embora versados no pensamento aristotélico, acreditavam na possibilidade de transmutação química.

Outros escritores medievais, como Paulo de Taranto, chegaram ao ponto de afirmar que eram capazes de fundir mercúrio com ferro. Paulo inclusive descreveu um procedimento no qual o mercúrio, submetido ao vapor de prata ou chumbo derretidos, se solidificava *per se*². É importante ressaltar que, do ponto de vista de um cientista moderno, o resultado final dessa experiência seria apenas um amálgama. No entanto, para o alquimista, parecia que o vapor quente e seco do chumbo servia para "secar" o excesso de umidade do mercúrio, permitindo que ele se tornasse um metal maduro (NEWMAN, 2016).

Newman (2016) ainda afirma que Paulo fundamenta suas demonstrações experimentais referentes aos componentes metálicos na tentativa de explicar a natureza dos princípios do metal, do enxofre e do mercúrio, com base em quatro qualidades primárias: quente, frio, úmido e seco. Assim, utilizando dessas demonstrações experimentais e da estrutura filosófica aristotélica, Paulo argumenta que os alquimistas são capazes de reconhecer e manipular diretamente as qualidades primárias dos metais diretamente.

Torna-se, portanto, insuficiente argumentar que tanto os estudos experimentais quanto a alquimia foram desconsiderados em termos de status acadêmico devido à sua categorização como tecnologia. Isso se deve à sua posição intermediária entre as artes e a ciência, uma posição que também era ocupada pela medicina. Assim como esta última, a alquimia consistia em um corpo teórico que abrangia certos aspectos do mundo natural, sendo empregada para respaldar uma variedade de práticas relacionadas à natureza. Portanto, embora muitas autoridades científicas e religiosas tenham buscado desacreditar a alquimia, muitas outras não a consideravam com desprezo,

² Locução latina que significa "por si mesmo" ou "por sua própria natureza". Ela é comumente utilizada para descrever algo que é considerado ao ser em sua essência, sem depender de outra coisa para sua existência. Nesse sentido, a essência compõe-se realmente com a existência para constituir o ser limitado e contingente, correspondendo, assim, à "substância segunda", que determina o conteúdo inteligível da substância (GARDEIL, 2013).



antes, contribuíram para seu desenvolvimento, ainda que em ritmo lento ao longo dos séculos XII e XIII.

Porém, uma das grandes áreas de estudo no medievo e que perdurou durante longos anos foi a disciplina da teoria do conhecimento, a qual discutia sobre a origem do conhecimento, a natureza dos universais, as teorias da abstração, o problema da certeza do conhecimento e uma espécie de “psicologia rudimentar”. Tal disciplina promoveu grandes avanços nas questões ontológicas e epistemológicas, como a relação mente-mundo, a natureza realidade e o fundamento do conhecimento humano, as quais, em certa medida, ajudaram a moldar os fundamentos de uma abordagem científica empírica que frutificou séculos mais tarde.

Estabelecido essa breve retrospectiva histórica sobre o conhecimento científico no medievo, pretendemos discorrer, no tópico subsequente, uma linha holística e delineadora do conhecimento científico a partir da Baixa Idade Média, mais precisamente, fundamentado na teoria do conhecimento de Tomás de Aquino, buscando avaliar como o processo cognitivo se delineava e quais suas implicações no conhecimento científico.

2 Teoria do conhecimento em Tomás de Aquino

Como fundamento para sua tese, Tomás de Aquino parte da premissa de que o indivíduo pertence ao gênero da substância³. A substância, por sua vez, se individualiza por si mesma (enquanto os acidentes se individualizam por meio de seu sujeito, que é a substância), fazendo com que os indivíduos substanciais se diferenciem dos demais por um nome específico. Nesse contexto, Tomás busca demonstrar que os indivíduos de substância racional, ou seja, intelectivos, são denominados pelo vocábulo “pessoa”, bem como sustenta a concepção de que uma substância individual de natureza racional é composta tanto pelo corpo quanto pela alma (AQUINO, 2016a⁴).

A filosofia tomista também fundamenta a compreensão da relação entre alma e corpo ao afirmar que a alma⁵ é a forma substancial do corpo (AQUINO, 2016a). Sob esse aspecto, a alma

³ Conceito derivado da filosofia aristotélica, o qual é essencial na metafísica tomista. A substância é aquilo que constitui a essência do ente, o que faz com que ele seja o que é. Nesse sentido, ela é aquilo que existe por si mesmo e é o sujeito dos acidentes (atributos ou propriedades que podem variar sem alterar a essência do ser). Ela pode ser dividida em substância *primeira*: o sujeito concreto; e substância *segunda*: a essência abstrata do sujeito (GARDEIL, 2013).

⁴ A fim de evitar qualquer possibilidade de confusão referente às obras citadas de Tomás de Aquino, faremos a menção da letra (a), seguidamente da data, nas citações datadas de 2016 para nos referirmos a obra *Suma de Teologia*, publicada pela Editora Ecclesiae, delimitada como “Ia PARS”, “b” para referenciar o volume (IaIIae) e “c” para o volume (IIa-IIae) da mesma obra. Quanto as referências datadas no ano de 2017, utilizaremos (a) para citar a obra *Questões disputadas sobre a alma*, publicada pela editora É realizações, e “b” para nos referirmos a obra *Suma Contra os Gentios*, publicada pela editora Ecclesiae.

⁵ O vocábulo alma (*anima*) designa algo em virtude do qual algo é animado (*animatum*), ou seja, um ser animado, uma coisa viva (KLIMA, 2009).



desempenha um papel vital, sendo o princípio elementar pelo qual o corpo humano adquire sua existência atual (AQUINO, 2017a). Por ser a forma substancial do corpo, a alma lhe confere vitalidade, animando-o e conferindo-lhe consciência. Em termos mais claros, a forma é o princípio de operação, especificação e inteligibilidade do ser humano. Além disso, ela é o ato primeiro, sendo a fonte de existência, de determinação e de atualização de uma substância, tornando-a o princípio ativo que permite que a substância exista e seja o que é. Por isso, o Aquinate sustenta que “é pela alma que, primariamente nos nutrimos, sentimos, movemo-nos localmente e, semelhantemente, inteligimos” (AQUINO, 2016a, p. 495).

Tendo por base tais fundamentos, toda investigação científica tem seu ponto de partida no encontro do sujeito cognoscente com os objetos sensíveis. No âmbito de sua teoria do conhecimento, Tomás sustenta que o ser humano entra em contato com os objetos do mundo sensível através de seus sentidos. Esse contato sensorial dá origem a impressões ou "fantasmas" que deixam uma marca nas faculdades perceptivas, as quais, tomadas pelo intelecto agente, o ser humano é capaz de abstrair das imagens sensoriais a essência inteligível que lhes é subjacente, convertendo-a em uma forma inteligível atualizada, o que o permite conhecer a realidade material a partir de suas manifestações imateriais.

Isto posto, torna-se patente que a realidade sensível constitui a fonte fundamental de todo o conhecimento do agente intelectual, o qual funda suas raízes nas coisas sensíveis e mantém uma relação direta e intrínseca com elas.

Nesse contexto, podemos dizer, a fim elucidativo, que a visão revela que o suspiro possui uma coloração branca e evidencia sua forma. O paladar identifica a presença de uma doçura acentuada. O tato percebe a estrutura farinhenta que se desfaz com facilidade. O olfato detecta um aroma sutil, porém adocicado. A audição contribui com os sons produzidos ao quebrar o suspiro. Em meio a todas essas percepções e após o processo intelectual, o sentido comum desempenha o papel de unificar essas informações, indicando que as características identificadas são atribuídas ao mesmo objeto, permitindo assim que o indivíduo tenha o conhecimento da realidade sensível que o circunda e a compreenda.

Além disso, o intelecto humano também é capaz de preservar as imagens geradas pela faculdade da imaginação, a qual pode ser considerada como uma espécie de "repositório de imagens". Por exemplo, ao tentarmos recordar a imagem da Torre Eiffel, conseguimos evocá-la mentalmente mesmo que não a estejamos observando no momento de modo presencial. Como isso ocorre? Para o Aquinate, o sentido externo age momento a momento com base no que recebe, e isso



culmina na resolução de que, embora a visão não possa perceber a Torre neste exato instante, somos capazes de representá-la mentalmente por meio da capacidade material (que lida com a imagem) que é interna e sensível.

Por fim, o intelecto humano detém a capacidade de imaginar, a qual permite a combinação de diferentes imagens, desempenhando uma função específica denominada "fantasia", que engloba a criação de imagens compostas, como unicórnios, dragões, centauros e outras representações similares. Trata-se, portanto, da junção de elementos visuais diversos para formar algo novo, evidenciando a capacidade da imaginação de transcender a mera reprodução de experiências sensoriais imediatas.

Assim sendo, de maneira semelhante à filosofia natural de Aristóteles, a abordagem de Tomás de Aquino representa uma síntese do conhecimento físico de seu tempo, abrangendo tanto a estrutura da antiga ciência natural (física e biologia) quanto os domínios da matemática e da astronomia (SANGUINETI, 2020), isso por que todo o aparato intelectual fornece os substratos necessários para a consecussão do processo cognitivo a partir da abstração da quiddidade⁶ do objeto. Essa síntese é concebida de forma orgânica e unitária, buscando uma compreensão abrangente do mundo físico.

Nesse sentido, a visão de mundo de Tomás de Aquino em relação ao universo físico pode, de fato, estabelecer conexões com a compreensão contemporânea da natureza presente na ciência moderna, visto que não é possível iniciar um processo de investigação sem o devido contato com o objeto sensível, bem como sem o correto entendimento da essência do mesmo e, tampouco, sem ser possível imaginar, memorizar e postular possíveis hipóteses para se ter um objeto de pesquisa adequado.

Porém, toda essa ação intelectual só pode ser realizada a partir da alma (mente) do agente. Porém, tradicionalmente, alega-se que a concepção de alma defendida pela tradição aristotélica-tomista não encontra espaço na ciência moderna, dado o fato da impossibilidade da averiguação e experimentação da mesma enquanto tal. Nesse sentido, a tendência hodierna é postular sua inexistência e tomar do conceito de "mente" apenas como uma resposta física a nível neurológico. Por isso, buscaremos averiguar a possibilidade de uma síntese entre ambas as concepções.

Analisemos a questão mais detidamente.

3 Restauração de Tomás de Aquino no debate atual

⁶ Vocábulo latino "*quidditas*", utilizado para responde a questão "o que é". Assim, a quiddidade exprime a essência ou definição do objeto referido (GARDEIL, 2013).



Neste momento, é pertinente questionar se certos aspectos filosóficos presentes na filosofia natural de Tomás de Aquino são conciliáveis com a ciência moderna ou se possuem alguma afinidade com ela. Essas indagações são relevantes para evitar um reducionismo que transforme a ciência empírica em uma filosofia, uma vez que, ao afirmar que as ciências naturais englobam tudo o que podemos conhecer sobre a natureza, tende-se a tratar a ciência como uma interpretação essencial do "o que é". Tal pressuposição é perigosa, pois muitos aspectos da realidade, com suas diferentes camadas, não podem ser compreendidos por meio de uma única metodologia epistemológica (SANGUINETI, 2020).

Assim sendo, ao abordarmos os aspectos compatíveis entre as duas correntes, não estamos simplesmente nos referindo a uma mera correspondência metodológica, mas sim à uma possibilidade de relevância filosófica. Com isso, queremos ressaltar que não se trata de validar novos domínios descobertos pelas ciências, mas sim da possibilidade de apresentar um enriquecimento dos princípios metafísicos da filosofia de Tomás de Aquino sob tais descobertas.

Isto posto, tomemos de uma das áreas de estudo atuais que fornece uma abordagem abrangente para a classificação das faculdades psicológicas dos animais: a neurobiologia. Embora Tomás de Aquino possuísse um conhecimento limitado em relação aos aspectos neurologicos frente ao nosso entendimento atual, é possível identificar, em determinados aspectos, certas correspondências entre seu pensamento e as descobertas hodiernas.

A neurobiologia contemporânea, à semelhança de Tomás de Aquino, reconhece o papel do intelecto no desempenho das funções mentais, tanto na cognição quanto nos apetites e paixões. Para Tomás, era essencial que, em relação ao corpo, o ser humano possuísse um cérebro mais desenvolvido do que os demais animais, a fim de executar de maneira aprimorada as operações das virtudes sensitivas internas, que são indispensáveis para o funcionamento do intelecto (AQUINO, 2016a). Embora o Aquinate não mencione a atividade cerebral diretamente, ele aborda a relação entre a alma e o corpo e explora as atividades intelectuais em relação aos órgãos corporais. Nesse sentido, ele concebe a alma como a responsável pelas faculdades sensitivas superiores (como a imaginação, a memória, e os sentidos cogitativo e estimativos), bem como por conferir vitalidade e organização ao corpo (SANGUINETI, 2020). Além disso, uma vez que a alma racional é a forma própria do ser humano, a realização máxima da alma humana consiste no conhecimento da verdade, a qual só pode ser alcançada pelo intelecto (AQUINO, 2017a).

Uma vez que a neurociência afirma que o cérebro é o órgão e sede das faculdades intelectuais – coordenadas pela mente -, podemos atinar um primeiro paralelo entre a perspectiva



tomista e a moderna⁷, a qual, se aceita, nos permite também identificar características que se seguem dessa hipótese. Por exemplo, também sustenta que, “impedido o ato da virtude imaginativa, por lesão do órgão, como nos frenéticos, e, semelhantemente, impedido o ato da virtude memorativa, como nos letárgicos, o homem fica impedido de inteligir em ato, mesmo aquelas coisas cuja ciência já possuía” (AQUINO, 2016a, p. 572). Essa afirmativa demonstra que, dadas essas disfunções cognitivas, apetitivas, emocionais e distúrbios comportamentais resultantes de lesões cerebrais, pode-se esperar o desvelamento de alterações comportamentais que resultem em reflexos nas esferas éticas e morais.

Não obstante, Tomás também demonstra que até mesmo algumas ações que derivam de desejos e apetites desordenados, como as concupiscências, especialmente relacionadas aos prazeres sensoriais e inclinações sexuais, podem ser explicadas em termos de inclinações naturais⁸.

Fica evidente, então, que, para Tomás, as condições cerebrais desempenham um papel fundamental na manifestação das capacidades psíquicas e resultam em alterações do comportamento humano padrão. Isso ocorre porque “as virtudes sensitivas, sendo virtudes de órgãos corpóreos, impedidos que sejam os seus órgãos, necessariamente lhes não de ficar impedidos os atos e, por consequência, o uso da razão” (AQUINO, 2016a, p. 664). Por essa razão, “os homens de corpo melhor disposto terão alma de melhor virtude para inteligir” (AQUINO, 2016a, p. 585). Portanto, uma vez que o grau de inteligência das pessoas depende, em grande parte, de boas condições fisiológicas e cerebrais, aqueles que possuem um poder imaginativo, cogitativo e memória mais bem dispostos estarão mais propensos a ciência (SANGUINETI, 2020).

Uma vez que todo ser humano é potencialmente inclinado às suas faculdades sensitivas, também é dotado de faculdades que podem auxiliá-lo a refrear seus instintos naturais e optar por escolher o "bem maior" em cada uma de suas ações por meio das virtudes racionais. Em termos atuais, mesmo que determinado indivíduo possa apresentar atividades que correspondem a um impulso pré-consciente de agir, entretanto, ele é livre para aceitar ou rejeitar esse impulso por meio do intelecto e da vontade.

Nesse contexto, o Aquinate nos apresenta uma "neurofilosofia" como uma ferramenta útil para uma interpretação adequada das descobertas contemporâneas da neuropsicologia, visto que o

⁷ Evidentemente, essa declaração deve ser entendida sob certo aspecto, uma vez que o conceito de mente pertencente a Tomás difere da concepção moderna. Porém, tal diferenciação conceitual não exclui uma similaridade entre a função/ação da “alma” sustentada por Tomás e da “mente” entendida nos dias de hoje.

⁸ Um exemplo se refere ao que Tomás chama de “bestialidade”. Quando alguém age de maneira irracional, impulsiva e desprovida de ciência, Tomás considera isso como uma manifestação de bestialidade, ou seja, de uma atitude puramente pautada nos instintos mais animais do ser humano. Porém, tal manifestação só ocorre quando o indivíduo se deixa levar pelas suas baixas concupiscências, que só é possível quando este se afasta da reta razão (AQUINO, 2016c).



cerne de sua teoria do conhecimento reside na unidade substancial entre alma e corpo. Assim, as operações intelectuais, como pensar, desejar, amar, perceber e sentir, estão materialmente “enraizadas”⁹ no cérebro, embora de maneiras distintas e dentro de direções causais específicas.

As operações sensíveis também possuem uma dimensão formal, que é o aspecto psíquico em si, e uma dimensão material, composta pelas atividades e movimentos corporais que surgem dessas ações. Essas duas dimensões não constituem duas ações distintas e interativas, mas uma ação psicossomática unitária. Por isso, “é manifesto que certas operações da alma se exercem sem o órgão corpóreo, como o inteligir e o querer... outras operações da alma, porém, se exercem pelos órgãos corpóreos, como, a visão pelos olhos; a audição, pelos ouvidos” (AQUINO, 2016a, p. 516). Com isso, “as potências, princípios de tais operações, estão no conjunto, como no sujeito próprio, e não somente na alma” (AQUINO, 2016a, p. 516).

Mas para Tomás, embora as operações da alma sejam estritamente imateriais, elas estão vinculadas a uma base sensível e material. Além disso, é importante destacar que, para o Aquinate, a vontade está concomitantemente relacionada ao fim, aos meios e à fruição do bem - quando este é possuído. Assim como existe uma inclinação natural para os entes naturais, há igualmente uma inclinação da vontade para as coisas intelectuais. Portanto, “toda inclinação da vontade surge daquilo que é apreendido pela forma inteligível conveniente e atraente” (AQUINO, 2017b, p. 645).

Ora, ter inclinação¹⁰ para algo enquanto tal é amá-lo e, conseqüentemente, toda inclinação da vontade — e do apetite sensitivo — deriva do amor.

Tomás também postula que “o objeto amado não só está no intelecto do amante, como também na sua vontade, mas diversamente” (AQUINO, 2016b, p. 98). Segundo ele, o objeto reside no intelecto do agente por meio de uma semelhança específica, enquanto na sua vontade, encontra-se como o termo do movimento no princípio motor, proporcionado pela adequação e conformidade que mantém com ele. Dessa forma, pode-se deduzir que, ao perceber um objeto que se adequa às suas necessidades, o indivíduo é instigado a amá-lo, resultando em uma conformidade da sua vontade a esse objeto, o qual efetivamente se torna presente em si por meio desse amor.

Ante tal cenário, desponta uma distinção imprescindível entre o desejo ineficaz - ou mera complacência¹¹ - diante do bem apresentado ao intelecto, assim como da intenção efetiva em

⁹ Nesse sentido, estar “enraizado” não significa interagir, mas sim informar e, conseqüentemente, construir uma ação dinâmica e unitária.

¹⁰ A intenção, como o próprio termo sugere, denota uma tendência para algo. Assim, a intenção, primária e principalmente, é característica do que se move em direção a um fim. Ora, uma vez que a vontade move todas as demais potências da alma para o fim, é evidente que a intenção é propriamente um ato da vontade (AQUINO, 2017b).



relação a esse bem. No tocante aos meios, no âmbito da escolha, primeiramente emergem as deliberações concernentes às diversas vias que se mostram aptas a assegurar a obtenção do bem desejado. Posteriormente, a vontade, em sua função deliberativa, seleciona um desses meios. Em seguida, ocorre a execução, que pressupõe o emprego pela vontade de outras faculdades no desempenho das tarefas a serem realizadas, e, por último, quando o fim é alcançado, a vontade se regozija no bem adquirido.

Ante o apresentado, pode-se afirmar que, para Tomás, na esfera da especificação, a vontade é regida pela inteligência, contudo, no âmbito da efetividade ou da realização, é a vontade que impulsiona a inteligência (GARDEIL, 2013, p. 170). Tal fenômeno deriva da disposição das faculdades hierarquizadas, onde aquela que tem como objeto o bem universal atua como propulsora das faculdades voltadas para bens particulares. Em outras palavras, enquanto a vontade se volta para o bem e o fim considerado universalmente, as demais faculdades se ocupam exclusivamente com bens que lhes são próprios. Assim, a vontade, corroborada pela experiência, incita as demais faculdades à ação. Inicialmente, esse impulso se manifesta sobre a inteligência e seus atos, onde, na ótica do bem universal, a verdade emerge singularmente como um bem particular - aquele atinente à esfera da inteligência. Logo, a vontade instrumentaliza a inteligência para seus desígnios, guiando-a na busca dos meios para alcançar tais bens, deliberando sobre eles, emitindo juízos a respeito da preferência e, por fim, determinando os meios de ação para adquiri-los. Nesse contexto, a inteligência ostenta primazia sobre a vontade.

Por sua vez, na perspectiva tomista, é patente que a mente (alma) tem poderes causais sobre o corpo e pertence a um plano organizacional anterior e, por isso, não possui uma causalidade física. Porém, tal afirmação suscita uma das principais críticas da perspectiva materialista contra a existência da alma: a impossibilidade de aceitar a sua imaterialidade com base nos dados físicos da estrutura neurológica.

Mas diante do exposto, cabe a pergunta: como pode uma organização tão extremamente complexa como o cérebro humano existir e ocorrer regularmente no decurso do desenvolvimento embrionário? O que preside à dinâmica orgânica biomolecular, citológica, histológica e fisiológica que se orienta de facto para um resultado somático extraordinário, nomeadamente, não só o do corpo como um todo, mas o do órgão mais complexo de todos, o cérebro? Claramente, se existe um

¹¹ Deve-se compreender esse conceito como a vontade de que algo aconteça, mas sem a intenção ou o esforço real para concretizar essa vontade, como um desejo que permanece apenas no domínio mental e não se traduz em ação. O segundo conceito refere-se a um tipo de prazer ou aprovação interna que uma pessoa sente em relação a uma ideia ou objeto, mas sem se comprometer com ações para restringir ou preservar essa ideia ou objeto.



princípio orientador da ontogênese e da neurogênese, esse princípio é uma causa cuja prioridade não pode ser discutida. Chamando-a de alma, ou não, ela é anterior àquela de que é causa e que ela mesma não pode ser resultado da complexidade somática, pois o que deve ser explicado é a referida complexidade. Assim, é inevitável referir-se à existência de um plano organizacional prévio, com poder causal sobre o que potencialmente está em condições de ser um órgão ou órgão específico (BARRERA, 2011).

Tal noção foi averiguada por Sperry (1968) o qual fez a descoberta de que indivíduos com cérebros divididos não apresentavam mudanças significativas em suas vidas cotidianas. Notou-se que o intelecto e a vontade, isto é, a capacidade de ter pensamentos abstratos e de realizar escolhas, permaneciam unificados. A única diferença significativa residia nas percepções, uma vez que certas sensações poderiam ser apresentadas a um hemisfério cerebral e não ser experimentadas pelo outro. Dessa forma, pacientes incapazes de nomear um objeto pelo hemisfério direito (através do campo visual esquerdo) ainda podiam apontar para o objeto com a mão direita, controlada pelo hemisfério direito. Esses resultados conduziram Sperry a concluir que o intelecto e a vontade do indivíduo permanecem indivisíveis, mesmo quando o cérebro é fisicamente dividido.

Com isso, uma vez que a integralidade do intelecto e da vontade permanecem mesmo quando há uma divisão física do cérebro, parece haver algo que transcenda a mera materialidade corporal e que não seja dependente dela para a realização do processo cognitivo. Embora Sperry não a chame de alma, é a ela que Tomás se referia.

Em consonância com a perspectiva tomista, tais resultados sugerem que o intelecto e a vontade possuem uma natureza metafisicamente simples, a qual é oriunda de uma alma imaterial e subsistente, a qual inclina a disposição da existência humana para uma orientação e operação mental (AQUINO, 2017a).

Assim, embora seja verdade que a evidência produzida pela explicação metafísica não seja do mesmo caráter da explicação produzida pela física, essa diferenciação não pode resultar em uma moção de censura contra ela, visto que parece não haver nenhuma inconsistência epistêmica em uma dimensão explicativa extramaterialista.

Logo, embora seja um erro classificar Tomás de Aquino como um naturalista nos termos modernos, é surpreendente notar que suas afirmações acerca do intelecto compartilham certas semelhanças com as concepções contemporâneas da neurobiologia. Reconhecemos, contudo, que a comparação entre a visão de Tomás de Aquino e a perspectiva atual da filosofia da mente revela tanto continuidades quanto discontinuidades. A antiga fisiologia e o que poderíamos chamar de



"neurobiologia" (no sentido "forte" do termo) adotados por Tomás de Aquino estão distantes do entendimento atual da ciência nessa disciplina. No entanto, ao abordarmos a psicologia e a epistemologia tomistas de forma flexível, parece que sua filosofia se mostra capaz de proporcionar uma interpretação adequada dos resultados alcançados pela neurobiologia contemporânea.

Ao considerarmos a ciência além do determinismo mecanicista e do racionalismo característicos dos tempos atuais, surge uma interpretação aberta e multicausal que possibilita estabelecer uma conexão com a filosofia natural tomista. Essa relação revela-se proveitosa, contanto que reconheçamos que o conhecimento científico adquire significado por meio de uma visão intelectual proporcionada pela filosofia.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Questões disputadas sobre a alma*. Tradução: Luiz Astorga. 1ª Ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2017.

_____. *Suma Contra os Gentios*. Tradução Odilão Moura. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017.

_____. *Suma de Teologia*. Tradução de Alexandre Correia. 4ª Ed. Vol. 1. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2016.

BARRERA, Jorge. Alma, cuerpo y mente: Santo Tomás y algunos contemporáneos. *Sapientia*. Vol. LXVII, Fasc. 229-230, 2011, pp. 233-258.

BÉLTRAN, Oscar. Teología y ciência en la obra de Santo Tomás de Aquino. *Revista Teología*. Tomo XLVI, N. 99, agosto, 2009, pp. 281-299.

BROKEN, Stephen. Causality and Necessity in Thomas Aquinas. *Quaestio*, 2, 2002, p. 217-240.

COPLESTON, Frederich. *Uma história da filosofia: Grécia, Roma e filosofia medieval*. 1ª Ed., Vol. 1. Campinas: Vide Editorial, 2021.

_____. *Uma história da filosofia: Do Renascimento a Hume*. 1ª Ed., Vol. 1. Campinas: Vide Editorial, 2021.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia e metafísica*. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2013.

KLIMA, Gyula. Aquinas on the Materiality of the Human Soul and the Immateriality of the Human Intellect. *Philosophical Investigations*, Vol. 32, N. 2, 2009, pp. 163-182.

NEWMAN, Willian. Technology and alchemical debate in the late middle ages. *Revista Signum*, vol. 17, n. 1, 2016, pp. 315-346.



PEREZ-ESTEVEZ, Antonio. Ciencia y docência em Agustin y Tomas de Aquino: del maestro agustiniano al maestro tomista. *Revista Española de Filosofía Medieval*, 3 1996, pp. 103-114.

SANGUINETI, Juan. ¿Se puede comparar la filosofía de Tomás de Aquino con la ciencia moderna? *Revista Filosofía y Teología*. Vol. 23, n. 45, 2020, pp. 103-126.

SPERRY, Roger. Hemisphere disconnection and unity in conscious awareness. *American Psychologist*, Vol. 23, n. 10, 1968, pp. 723-733.

Recebido: 15-11-2023

Aceito: 29-08-2024